



Boletim do Tempo Presente - ISSN 1981-3384

Normatização dos Corpos Femininos nos Almanques de Farmácia (1900 – 1960)

Caroline de Lara¹

Resumo: Os almanques estiveram presentes entre vários povos, do Ocidente ao Oriente. Percorreram vários séculos e em várias roupagens, chegando ao Brasil, a partir do século XIX, os almanques de farmácia. Essas publicações persuasivas projetaram uma idealização da mulher e de normatização de seus corpos, disseminando o projeto de progresso da nação. Consideramos que tais fontes foram importantíssimas ferramentas de apoio de um ideal de modernização pelo viés da saúde e educação sanitária, principalmente durante as primeiras seis décadas do século XX.

Palavras-chave: Almanques de farmácia; mulher; normatização.

Standardization of Female Bodies in Pharmacy Almanacs (1900 – 1960)

Abstract: Almanacs were present among various peoples from West to East. Over several centuries and in various guises, pharmacy almanacs arrived in Brazil from the 19th century onwards. These persuasive publications projected an idealization of women and the normalization of their bodies, disseminating the nation's progress project. We believe that these sources were very important tools to support an ideal of modernization through the perspective of health and health education, especially during the first six decades of the 20th century.

Keywords: Pharmacy almanacs; woman; standardization.

Aconselhar e instruir a partir da persuasão de textos e imagens, esta é a principal função dos almanques de farmácia. Publicações ímpares e testemunhos de uma época, os almanques de farmácia se revelam como importantes mecanismos na inserção de novos hábitos de higiene, profilaxia e tratamento de enfermidades, atuando dessa forma, como agentes do processo de civilização e progresso. Portanto, o objetivo desse estudo é compreender como os discursos presentes nos almanques de farmácia, representam o ideal de normatização dos corpos femininos, no Brasil entre 1900 – 1960.

No início do século XX, houve o aumento na circulação de medicamentos, colaborando com uma maior disseminação dos almanques de farmácia, num momento de grande polarização da vida urbana e rural. As fontes analisadas foram: *Almanak Ilustrado Bristol* (1902, 1909 e 1945); *O Pharol da Medicina* (1908); *Almanack do Dr. Richards* (1909); *Almanak de Barry* (1913); *Almanach Panamericano de Ross* (1925, 1935, 1945, 1953 e 1960); *Almanaque d'A Saúde da Mulher* (1929, 1938, 1942, 1948 e 1959); *Almanaque Capivarol* (1930, 1934, 1957); *Almanaque Bayer* (1930); *Almanaque Conselheiro Knox* (1944); *Almanak Xarope São João* (1937); *Almanak do Urodonal* (1931); *Almanack Xavier* (1932); *Almanack Elixir Prata* (1939); *Almanak Cabeça do Leão do Dr. Ayer* (1941); *Almanaque O Companheiro do Lar* (1935); *Almanaque Biotônico Fontoura* (1935 e 1942); *Jeca Tatuzinho* (1944); *Almanak Silveira* (1935 e 1941); *Almanaque Guaraina* (1943); *Almanach Rhodia* (1936); *Almanack das Famílias* (1936); *Almanach Scott* (1939 – 1940); *Almanack Jaccoud* (1937); *Almanak Elixir de*

NORMATIZAÇÃO DOS CORPOS FEMININOS NOS ALMANAQUES DE FARMÁCIA
(1900 – 1960)

LARA, C.

Inhame (1938); Satozin (1939 e 1941); *Almanaque Pariquyna* (1941 e 1944), *Almanaque Agrícola Elixir Brasil* (1942) e *Saúde Almanaque* (1957).

É possível observar em tais fontes, as nuances relacionadas ao papel da mulher na sociedade brasileira do período, bem como de que forma os discursos ali presentes, corroboravam com a normatização dos corpos femininos. Destarte, as mulheres foram elementos fundamentais nesse processo de novas concepções do cidadão brasileiro, inculcando valores referentes ao progresso individual e coletivo.

Dessa maneira, visamos abordar tal linha de pensamento, alicerçada na compreensão dos mecanismos presentes nas fontes, para exercer e disseminar a normatização dos corpos femininos. Para tal, a interpelação foi realizada a partir da abordagem de Michel Foucault (2012), sobre os discursos utilizados nos almanaques de farmácia, bem como a normatização dos corpos ali representada. Mediante isso, Roger Chartier (1988; 1991) foi pertinente para entendermos a relação das fontes com o recorte temporal supracitado, por meio da representação social, e Bronislaw Baczko (1985) nos alicerçou no debate sobre o imaginário social. Ambos os conceitos são essenciais para a compreensão dos ideais sociais vigentes no recorte temporal em voga na pesquisa, sendo explorados por meio da bibliografia existente sobre análise do contexto histórico do Brasil, entre 1900 – 1960.

Para melhor compreensão das fontes analisadas, torna-se pertinente fazermos um breve histórico sobre suas mais variadas características. Presentes desde sua difusão, no século XV, até os dias atuais, a organização dos almanaques sempre foi caracterizada por uma pluralidade de conteúdos, sendo um fator que pode ser considerado como essencial na sua continuidade de uso e de procura. Assim, uma prática cultural conservadora e ritualística que confere ao almanaque o sentimento de *déjà vu*^{II}, garante uma familiaridade e identificação dos leitores e leitoras devido modelo do seu editorial, que também pode ser considerado ao mesmo tempo como literário, principalmente a partir do século XVII, com a difusão de textos de diversas searas. Sendo assim, Chartier (1999) considera que seu sucesso desses materiais repousa justamente na característica [...] de um livro que pode ser, ao mesmo tempo, útil e prazeroso, didático e de devoção, tradicional e esclarecido^{III}, unindo dessa forma, a cultura erudita e popular numa mesma publicação.

Caracterizado como um veículo comercial de massa, devido sua difusão ocorrer entre várias camadas sociais, os almanaques possuem objetos de leitura, que a partir desses, constituem seus leitores, participando assim do mundo da cultura popular, a partir da leitura e/ou decodificação dos signos.

No Brasil, foi a partir do início do século XVIII que os almanaques começaram a ter visibilidade. Nesse momento, eram comuns os almanaques das cidades^{IV}, como o *Almanaque para a cidade da Bahia*, de 1812, o *Almanack administrativo, mercantil e industrial da Província de Pernambuco*, de 1860, entre outros, com conteúdos como valores de tarifas e horário de trens. Havia também o *Almanaque Literário das Fluminenses*, de 1890, destinado para o público composto por senhoras e os almanaques religiosos, com preces, textos hagiográficos e dias santos.

Algumas empresas se diferenciavam quando o assunto era divulgação de seus produtos, como por exemplo, a *Drogaria Granado* (RJ), a qual elaborou um material próprio, o almanaque *O Pharol da Medicina*, publicado pela primeira vez em 1887, sendo considerado o primeiro almanaque de farmácia brasileiro e modelo para seus sucessores, mostrando a partir dos seus anúncios o mercado das doenças do momento.

O laboratório *Daudt & Oliveira*, responsável pela produção de medicamentos como *A Saúde da Mulher* e *Bromil*, utilizavam as revistas - como o *Careta* - e semanários - como *A Lua* - para divulgar seus produtos. Além dos medicamentos citados acima, outros como a pomada

NORMATIZAÇÃO DOS CORPOS FEMININOS NOS ALMANAQUES DE FARMÁCIA
(1900 – 1960)

LARA, C.

cicatrizante *Boro Borácica* e o tônico *Nutrition*, passaram a contar a partir de 1906 com uma publicação própria, o almanaque *A Saúde da Mulher*.

Esse almanaque contou com a presença de desenhistas renomados - como K.Lixto, Vasco Lima, Raul Pederneiras - e poetas - como Olavo Bilac, Bastos Tigre, Alberto e Felipe de Oliveira - que participaram da difusão de medicamentos como *A Saúde da Mulher*, *Bromil*, da mesma forma que Monteiro Lobato colaborou na divulgação do *Biotônico Fontoura*^V.

Tais publicações eram caracterizadas pela diversidade de conteúdos e contaram cada vez mais com a presença de anunciantes, sempre os mais fortes em seu ramo. Com variados anúncios, de hotéis a medicamentos, os almanaques sempre se apresentaram como um veículo de publicidade, principalmente pela sua característica popular. Assim, essa miscelânea de conteúdos e informações, passa a ser um veículo essencial na propagação de noções educacionais, no que diz respeito aos cuidados com o corpo feminino, processo esse que ocorreu principalmente a partir do século XIX, num momento em que o horizonte nacional estava pautado na reformulação da sociedade.

Corroborando com tal concepção, Chartier (1999) nos traz que a originalidade dos almanaques de farmácia está diretamente relacionada a três características: eram publicados por laboratórios farmacêuticos e utilizados como suporte publicitário; sua distribuição era gratuita e todos aceitavam cartas de leitores, onde esses se tornavam coautores das publicações. Ainda segundo o autor, sua importância para a cultura brasileira pode ser mensurada através de suas enormes tiragens de dois ou três milhões de exemplares e a sua forte presença nas lembranças de leitura, ou de escuta, dos mais modestos leitores^{VI}.

Além do caráter persuasivo, os almanaques de farmácia assumem um papel pedagógico na sociedade, reproduzindo uma visão de mundo, repetindo e fixando modelos, revelando-se uma eficaz estratégia de ensinar por meio do traço artístico, bem como, incutir signos de disciplinarização dos corpos, possibilitando a total assimilação por parte dos leitores, pois como explana Casa Nova (1996), a decodificação do almanaque de farmácia ocorre de forma rápida, a partir do elo entre discursos e imagens, deixando transparecer as reais intenções do editorial, num movimento de complementação mútua.

Pudemos perceber que em boa parte dos almanaques de farmácia há a presença da figura feminina. Sua representação, em muitos momentos, gira em torno dos ditos problemas femininos: dores, regras escassas ou demasiadas, nervosismo e irritação. Corroborando com a identidade social da mulher mãe, esposa e dona de casa sustentada por várias instituições da sociedade, as propagandas desse almanaque direcionam atenção para o valor uterino feminino, a fim de ter na maternidade um emblema feminino. Essa mulher debilitada e frágil passa a ser medicada, para curar o malefício feminino.

As mulheres que viviam no meio urbano, segundo Casa Nova (1996), liam os almanaques ou por modismo ou quando os encontravam nas farmácias. Já as mulheres do interior e zona rural, tinham nessas publicações, um verdadeiro guia para o seu cotidiano, sabiam do mundo ao seu redor através dele, uma vez que nessas localidades o acesso às escolas e à medicina era mais restrito.

Dessa forma, é a partir dessa carência vivenciada pela leitora do almanaque, que há a ação dessa publicação através de sua retórica, instaurando na mulher a percepção dos sintomas do seu corpo, fazendo uma analogia entre fenômeno, causa e diagnóstico.

Como citado acima, essa característica enquanto dispositivo pedagógico ocorre através da sincronia entre discursos, representação e imaginário social, tendo como ferramentas, os conteúdos lúdicos culturais. Assim, essa mini-enciclopédia instruiu o indivíduo de forma empírica e experimental, popularizando o que pode ser popularizado, ou seja, a normatização dos corpos femininos.

NORMATIZAÇÃO DOS CORPOS FEMININOS NOS ALMANAQUES DE FARMÁCIA
(1900 – 1960)

LARA, C.

No almanaque de farmácia pudemos perceber sua função sedutora, que repousa no jogo do saber e poder através da ciência médica farmacêutica, onde a figura do portador da verdade é a cura do corpo e da doença que cega o espírito. É o *phármakon*, antídoto social “terapia e envenenamento. Religião e Ciência. Magia e fetiche”^{VII}. Percebemos ainda que a saúde é o signo mais forte existente nessas publicações, não somente pelo fato de se tratar de um manual médico ou catálogo de medicamentos, mas primordialmente por tal aspecto repousar numa ideologia de ordem e desenvolvimento do país pelo viés da educação e normatização dos corpos nas primeiras seis décadas do século XX.

Com o advento da República, o positivismo proporcionou aos médicos cientistas, através do método da observação e experimentação, a característica de [...] missionários do progresso, sacerdote do conhecimento transformou a ciência no único caminho para se atingir a saúde plena do corpo social, a civilização^{VIII}. Dessa forma, tais cientistas acreditavam que organizar, prevenir e sanear os indivíduos seria basilar para a concretização do progresso da nação.

Nesse sentido, os signos positivistas - Ordem e Progresso - emergem complementados por teorias raciais, como a eugenia, sendo internalizados nos discursos dos almanaques de farmácia, incorporando sua função política pedagógica e assumindo a intenção de aprimorar a mulher brasileira, seja no espaço urbano ou rural, por meio da medicalização desses ambientes, da disciplinarização higienista e normas de conduta social e individual^{IX}.

Para o debate acerca do progresso como ideal a ser compartilhado pelos almanaques de farmácia, esse estudo utiliza as abordagens de Herschmann e Pereira (1994b), os quais dissertam sobre as formas de manifestações do paradigma do moderno nos hábitos internalizados e que seriam capazes de orientar reflexões, pois o final do século XIX e início do XX foram marcados por várias transformações, abrindo possibilidades para a absorção de novos ideais.

Fazendo parte do imaginário social da população e do discurso de intelectuais, o progresso passou a configurar projetos de intervenção da sociedade, juntamente com as noções de moderno e modernidade. Assim, esse estudo visa considerar a ciência e as discussões acerca da saúde, como exemplificações do projeto e debates do Brasil moderno e progressista, perfil desejável para a nova República.

Tendo em mente todo o processo pós proclamação da República, alguns teóricos são essenciais acerca dos processos nos quais o Brasil passou, em relação às ações de diagnóstico da falta de estrutura do governo para com as populações dos locais mais ermos, assim como o movimento sanitarista e a conscientização da população sobre as ações sanitárias governamentais, como é o caso de Gilberto Hochmann (1998; 1999) juntamente com Nísia Trindade Lima (1996) e Cristina Fonseca (1999).

Sendo assim, para análise das propagandas, procuramos formar um arcabouço teórico que correspondesse com o diálogo proposto entre imagens e textos. Assim, optou-se pelo trabalho com de textos e imagens por meio da Análise de Discurso, exposto por de Michel Foucault (2012), o qual nos orienta sobre a função do discurso de controle, seleção, organização e redistribuição, solidificando valores sociais.

Outra possibilidade de análise dos almanaques de farmácia se dá a partir da concepção de Foucault (2000) em torno da disciplinarização dos corpos, com a construção de práticas de poder, alicerçados pelo próprio discurso.

Isto posto, nossa concepção dos almanaques de farmácia, foi amparada pelo diálogo com Casa Nova (1996), Park (1999), Nadaf (2011), Kuhlmann Jr. e Magalhães (2015) e Ferreira (2001). Tais autores consideram os almanaques de farmácia como guias, pois através de seus

NORMATIZAÇÃO DOS CORPOS FEMININOS NOS ALMANAQUES DE FARMÁCIA
(1900 – 1960)

LARA, C.

discursos chancelados como verdadeiros, vendem motivações pedagógicas através da persuasão, perpetuando um clima favorável para a adesão de leitores.

Por meio dos signos da saúde e felicidade, tais fontes traçam através da retórica da verossimilhança, a identificação do leitor com as características dos personagens ali expostos. A partir de sua característica de portador da modernidade, podem ser considerados nessa pesquisa como aliados do aspecto civilizador, pois sua abrangência geográfica, capaz de chegar aos mais longínquos sertões e povoados, integrou o rural e urbano e transitou entre as mais variadas classes sociais^X, pois, diferentes em suas semelhanças, estão inseridos no contexto de produção do projeto civilizatório nacional.

Logo, optou-se pelo uso do conceito de imaginário social, a partir das considerações de Bronislaw Baczko (1985). Para o autor, a influência dos imaginários sociais, depende do seu meio de difusão, garantindo assim, a dominação simbólica através do estabelecimento de valores, noções e atitudes, como - verdades históricas. Assim, os papéis sociais são estabelecidos em larga escala, a partir do controle da imaginação social, construindo lógicas e lugares, para que os sujeitos vivam no interior de todo esse aparato simbólico, com embates de legitimação das representações sociais.

Essas, por sua vez, são consideradas por Roger Chartier (1988; 1991) como responsáveis por interpretações do mundo, constituindo identidades para determinados grupos sociais. As lutas de representação revelam poderes e dominações, onde dessa forma, há a imposição de valores, os quais estão presentes no mundo de determinadas esferas sociais^{XI}, com uma finalidade específica, a ordenação e hierarquização da estrutura social.

Logo, esse suporte teórico-conceitual possibilitou a compreensão das fontes em voga como elementos partícipes dos processos de progresso nacional, evidenciados a partir da presença de valores dialogados com as noções de educação e normatização dos corpos femininos, inculcando ideais e projetos de emancipação social do país.

O período de virada do século XIX para o XX, e até meados desse, representou para o Brasil, um momento de transformação com a chegada de uma modernização capitalista e a dinamização das relações sociais, culturais e econômicas no país. Um país multifacetado, onde de um lado encontravam-se as cidades industriais, aumento das oportunidades de trabalho e processos de exclusão, e do outro, o Brasil dos sertões e nos longínquos rincões.

Durante o início da jovem República, a reorganização do Brasil foi pautada pela ciência e educação, com o escopo de transformá-lo numa grande nação. Para tanto, era de suma pertinência realizar um reconhecimento da população. Assim, a tese do cuidado com a saúde e educação do brasileiro fica em voga e ganha destaque, pois acreditava-se que somente a partir destes mecanismos seria possível salvar o cidadão brasileiro do triste destino que lhe estava reservado, devido a miscigenação e ao clima.

É dessa forma que médicos, higienistas e intelectuais seriam os responsáveis por inserir um paradigma de civilização e progresso, tendo como exemplo a famigerada Europa, com intenção de transformar e reestruturar a população e suas características, seja em relação ao pensar, saber, agir e sentir do indivíduo. Sendo assim, consideramos que o novo modelo do progresso são elementos que passaram a ser integrantes do cotidiano, incorporados nos discursos dos intelectuais, no imaginário da sociedade bem como nos projetos que visavam uma intervenção perante a sociedade. Portanto, a medicina nos séculos XIX e XX, além de elaborar métodos profiláticos e terapêuticos, assumiu uma posição presente na configuração social^{XII}, no caso desse estudo, na disciplinarização e educação dos corpos das mulheres, visando a formação da nacionalidade brasileira. Haja vista, a jovem República teria na orientação e controle médico, plausibilidade para seu fortalecimento, pois a partir da modernização desta

NORMATIZAÇÃO DOS CORPOS FEMININOS NOS ALMANAQUES DE FARMÁCIA
(1900 – 1960)

LARA, C.

pelo saber médico, poderia ser uma possibilidade para o rompimento com o passado escravocrata e colonial ao qual o país até então estava subjugado.

A partir do exposto, os almanaques de farmácia são considerados enquanto instrumentos auxiliares na difusão de práticas de disciplinarização dos corpos femininos e educação sanitária, principalmente durante as primeiras seis décadas do século XX. Tais fontes são riquíssimas e são indícios de práticas de outrora, sendo possível averiguar todas suas nuances, a partir da análise de todo seu conteúdo, ou seja, capa, contra capa, índice, orientações e propagandas.

Isto posto, os almanaques de farmácia nos possibilitam analisar que as qualidades morais direcionadas às mulheres, giram em torno dos signos saúde, beleza e felicidade. A socialização da saúde, tanto no campo como nos centros urbanos utilizam estes signos para divulgar o discurso e ideal de higienização dos corpos, uma vez que o futuro dos filhos depende da excelência na condição física dos pais.

Segundo Casa Nova (1996), tal prática higiênica contribuiu para a construção de um modelo de conduta social das mulheres, logo a identificação entre feminilidade e maternidade foi o padrão regulador da existência social e emocional feminina no século XIX e chegou ao século XX, no Brasil, com o fim de integrar a família à ordem urbana^{XIII}. Modificam-se os hábitos e estabelecem regras comportamentais para indivíduos e sociedade, principalmente no que diz respeito às noções de higiene dos corpos e da moral.

A mulher é elemento inerente à disseminação do discurso de progresso pelo viés da medicina, pois com sua função definida no seio da família e também da sociedade, tem em seu organismo o foco da reprodução saudável, gerando indivíduos fortes para o trabalho, e como afirmam Andrade, Dória e Feldens (2016), formatando corpos clínicos e se tornando suscetíveis à ação dos mais variados campos científicos.

Logo, todas devem cuidar de seu organismo, para que seja possível o desempenho total e a eficácia nas atividades onde atuam, pois a boa saúde feminina é garantida com o medicamento. Como nos lembra Casa Nova (1996) os signos da saúde e felicidade são utilizados pelas propagandas para que haja por parte da leitora/consumidora o reconhecimento de uma ordem, que caminha em direção ao progresso. A intenção primordial é colocar o corpo em ordem para que proporcione bons frutos para a sociedade, como podemos observar nessa propaganda, intitulada “Quantos dias tem seu mês: 30 ou 25?”, demonstrando aqui, a necessidade de cuidado ao organismo feminino, tanto com a prática esportiva assim como o uso do medicamento industrializado, ressaltando a necessidade desse cuidado e sendo outorgado pela voz da experiência.

Imagem 1

NORMATIZAÇÃO DOS CORPOS FEMININOS NOS ALMANAQUES DE FARMÁCIA
(1900 – 1960)

LARA, C.



Fonte: Almanaque d'A Saúde da Mulher, 1942, p. 25.

Tal representatividade feminina são muito presentes nos almanaques de farmácia elencados para análise. Assim como características como a mulher nervosa, histérica, cansada, com mal-estar e melancólica são frequentemente enfatizadas como sinônimo da personalidade feminina. Intrinsecamente relacionados ao útero, segundo o discurso médico, tais características condicionam a mulher à sua condição biológica, esboçando nela, os anseios de uma sociedade.

Os almanaques de farmácia, com seus conteúdos, dispositivos persuasivos e pedagógicos, caminham ao lado de ideais concebidos pelas elites nacionais. A República, trouxe o ideal de um novo cidadão. Raça, clima, doença e descaso, tudo girava em torno do autêntico brasileiro, de um lado, o Jeca Tatu o bode expiatório do *Phármakon*^{XIV} e da moderna medicina, e na outra ponta, a mulher, a mãe, a dona de casa e a esposa, com seus problemas do sistema reprodutor, é a representação do nervosismo e do histerismo, configurando assim, a mulher brasileira.

A partir do exposto, as concepções de discurso de Michel Foucault (2012), nos possibilitaram analisar os textos e das imagens de medicamentos para o público feminino. Nessa seara, Foucault (2012) nos diz que o discurso atua com sua função de controle, seleção, redistribuição e organização, dominando assim, acontecimentos de forma aleatória. Um discurso se conecta com vários outros, registrando, reproduzindo e estabelecendo determinados valores sociais.

Longe de ser um elemento neutro, os discursos aplicam a partir de um jogo de palavras, a ligação entre poderes e desejos, promovendo plausibilidade para determinados ideais. Nesse sentido, a dinâmica entre discurso e poder presentes dos almanaques de farmácia pode ser percebida a partir da averiguação da continuidade de discursos, sejam no que diz respeito ao recorte temporal, bem como em relação à abordagem de determinado almanaque de farmácia.

No que concerne a reprodução dos discursos, o autor ora citado também evidencia a presença de procedimentos fundamentais para o controle, seleção, organização e redistribuição, configurados em mecanismos de exclusão externos e internos ao discurso. Sobre os aqueles, destacamos a interdição, no que se refere ao direito privilegiado daquele que fala, no caso dessa pesquisa, os almanaques de farmácia e seu editorial, representando a dinâmica entre poder e discurso.

Outro elemento externo ao discurso é denominado vontade de verdade, que estabelece a diferença entre o “verdadeiro” e o “falso”, passível de ser analisado nas fontes, a partir da presença de um ideal a ser defendido nacionalmente e corroborado pelo saber científico, nos mais variados contextos históricos.

NORMATIZAÇÃO DOS CORPOS FEMININOS NOS ALMANAQUES DE FARMÁCIA
(1900 – 1960)

LARA, C.

Já no que tange aos procedimentos internos de exclusão, ressaltamos aqui, o comentário, o qual se delinea numa possível consolidação das verdades. Um segundo princípio é a autoria, que nada mais é do que um agrupamento de ideias que dão coerência a determinado conjunto de significações. E o último procedimento é a disciplina, que abre possibilidades à verificação de regras e métodos a serem seguidos. Pertinente destacar que as três abordagens acima explanadas, são passíveis de análise a partir das propagandas dos almanaques de farmácia, por meio da relação entre texto e imagens.

Nesse sentido, segundo Foucault (2000), na disciplinarização dos corpos existem diversas práticas, as quais são reguladas pelos discursos. Nesse teor, há uma fundamentação de um caráter político-discursivo que constrói práticas sociais e relação de poder, os quais são produzidos no decorrer da história, pois através dos processos de subjetivação do homem, cria mecanismos de poder sobre os indivíduos, visando o controle e a normalização dos corpos. Nesse caminhar, importante destacar que o poder se faz presente em várias esferas da sociedade, como no judiciário, política, economia, ciência, medicina entre outras. Dessa forma, passa a ser considerado como um objeto de manipulação disciplinar, tornando os corpos dóceis. Tais fatores supracitados são plenamente averiguados nos almanaques de farmácia como um todo, transmitindo tais anseios em todo seu editorial.

Seguindo tal linha de raciocínio, segundo Roger Chartier (1991), os dispositivos textuais e materiais organizam suas estruturas a partir da expectativa que desejam enfatizar com diferenciação do social, criando novos públicos e diferentes recepções. Por sua vez, a representação corresponde à relação de uma imagem presente a qual faz ver um objeto ausente, com clara distinção entre o que se representa e o que é representado, configurando-se como a existência de algo que só existe por ela mesma. Neste sentido, para Chartier (1991), a relação de representação é desse modo, perturbada pela fraqueza da imaginação, que faz com que se tome o engodo pela verdade, que considera os signos visíveis como índices seguros de uma realidade que não o é. Assim desviada, a representação transforma-se em máquina de fabricar respeito e submissão, num instrumento que produz uma exigência interiorizada, necessária exatamente onde faltar o possível recurso à força bruta [...]XV.

E para que os discursos e a disciplinarização dos corpos sejam dissipados de forma satisfatória, é evidente nos almanaques de farmácia, que a eficácia na disseminação do imaginário social depende dos seus meios responsáveis, os quais para Bronislaw Baczko (1985) asseguram tal difusão, tornando dessa assim, necessário o controle destes mecanismos, os quais se fazem presentes através de métodos de persuasão e concretização de valores e crenças. É a partir destas características, que o poder busca desenvolver um papel de privilégio nos discursos, ao qual o imaginário social está inserido, mantendo determinado controle sobre sua difusão^{XVI}.

Destarte, o pesquisador pode considerar a partir das representações e dos imaginários sociais, a possibilidade de uma compreensão acerca dos almanaques de farmácia, enquanto elementos associados ao processo de inculcar valores referentes à educação e disciplinarização dos corpos femininos, aliadas ao projeto de progresso da Nação, perpassando pela (re) configuração do seu elemento partícipe deste processo, as mulheres.

Diante do exposto e das possibilidades de trato e análise das fontes, almejamos nesse texto, estruturar uma abordagem histórica dos almanaques, desde sua origem no século XV, com suas características seculares, até chegarmos aos almanaques nacionais, das cidades até os almanaques de farmácia. Detalhamos os conteúdos presentes nas fontes, principalmente os relacionados à educação das leitoras quanto ao cuidado com o corpo, com a abordagem foucaultiana da análise do discurso, inter-relacionando texto e imagens (quando da presença), e bibliografia disponível sobre as características do contexto histórico.

NORMATIZAÇÃO DOS CORPOS FEMININOS NOS ALMANAQUES DE FARMÁCIA
(1900 – 1960)

LARA, C.

Assim, essa pesquisa não se encerra por si, pois os almanaques de farmácia nos possibilitam analisarmos várias abordagens, entre elas, elementos pertinentes da análise do discurso, representação e imaginário social, além das características e ferramentas que tais fontes utilizam para disseminar e corroborar com os processos de educação e a presença, frequência e características dos signos de disciplinarização dos corpos femininos, dentro do recorte temporal estipulado, de 1900 – 1960.

Notas:

^I A autora é graduada e mestre em História pela Universidade Estadual de Ponta Grossa/PR. Atua também como Gestora Pedagógica da rede particular de ensino de Aracaju/SE. E-MAIL: carohistoriadora@gmail.com.

^{II} GRÜTZMANN, 2004, p. 51

^{III} CHARTIER, 1999, p.10

^{IV} PARK, 1999

^V CASA NOVA, 1996, p. 24

^{VI} CHARTIER, 1999, p.10

^{VII} CASA NOVA, 1996, p. 15

^{VIII} HERSCHMANN, 1994a, p.56

^{IX} PARK, 1990

^X FERREIRA, 2001

^{XI} CHARTIER, 1988

^{XII} STANCIK, 2009, p. 113

^{XIII} CASA NOVA, 1996, p. 104

^{XIV} CASA NOVA, 1996

^{XV} CHARTIER, 1991, pp. 185 – 186

^{XVI} BACZKO, 1985

Referências Bibliográficas:

ANDRADE, Leonardo Leite de; DÓRIA, Mary Barreto; FELDENS, Dinamara Garcia. A desvitalização e decomposição dos corpos – a desvitalização dos corpos. In: **Clínica & Cultura**, v. 5, n.1, pp. 37 - 49, jan.-jun., 2016.

BACZKO, B. Imaginação social. In: RUGGIERO, R. (Dir.). **Enciclopédia Einaudi**. Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 1985.

CASA NOVA, Vera. **Lições de almanaque**: um estudo semiótico. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.

CHARTIER, Roger. **A história cultural** – entre práticas e representações. Lisboa: Difusão Editora, 1988.

_____. O mundo como representação. In: **Estudos Avançados**, São Paulo, v.5, n. 11, 1991.

_____. O livro dos livros. In: PARK, Margareth Brandini. **Histórias e leituras de almanaques no Brasil**. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, pp.09 – 13, 1999.

FERREIRA, Jerusa Pires. Almanaque. In: MEYER, Marlyse (org.). **Do almanak aos almanaques**. São Paulo: Ateliê Editorial, pp.19 – 22, 2001.

NORMATIZAÇÃO DOS CORPOS FEMININOS NOS ALMANAQUES DE FARMÁCIA
(1900 – 1960)

LARA, C.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. Tradução Raquel Ramallete. 23ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

_____. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

GRÜTZMANN, Imgart. O almanaque (Kalender) na imigração alemã na Argentina, no Brasil e no Chile. In: DREHER, Martin N. (org.). **Imigração e imprensa**. Porto Alegre: EST/ São Leopoldo: Instituto Histórico de São Leopoldo, pp. 48 – 90, 2004.

HERSCHMANN, Micael, M.. A arte do operatório. Medicina, naturalismo e positivismo. In.: Herschmann, Micael M.; PEREIRA, Carlos Alberto Messeder (org.). **A invenção do Brasil moderno**. Medicina, educação e engenharia nos anos 20 - 30. Rio de Janeiro: Rocco, pp. 43 – 65, 1994a.

_____, PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. O imaginário moderno no Brasil. In.: Herschmann, Micael M.; PEREIRA, Carlos Alberto Messeder (org.). **A invenção do Brasil moderno**. Medicina, educação e engenharia nos anos 20 – 30. Rio de Janeiro: Rocco, pp. 09 – 42, 1994b.

HOCHMAN, Gilberto. Logo ali, no final da avenida: *Os sertões* redefinidos pelo movimento sanitaria da Primeira República. In: **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, v.5, (suplemento), pp.217 – 235, Jul. 1998.

_____; FONSECA, Cristina M. O. O que há de novo? Políticas de saúde pública e previdência, 1937 – 45. In: PANDOLFI, Dulce (org.). **Repensando o Estado Novo**. Rio de Janeiro: Ed.Fundação Getulio Vargas, pp. 73 – 94, 1999.

KUHLMANN JR., Moysés; MAGALHÃES, Maria das Graças Sandi. A infância nos almanaques: nacionalismo, saúde e educação (Brasil 1920-1940). In: **Educação em revista**, Belo Horizonte, v.26, n.1, p.327-349, abr. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102698201000010001g=en&nrm=iso>. Acesso em 12 ago. 2021.

LIMA, Nísia Trindade; HOCHMAN, Gilberto. Condenado pela raça, absolvido pela medicina: O Brasil descoberto pelo movimento sanitaria da Primeira República. In: MAIO, Marcos Chor (org.). **Raça, ciência e sociedade**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ/CCBB, pp. 23-40, 1996.

NADAF, Yasmin Jamil. Essas revistinhas que se chamam almanaque. In: **Revista ECOS: Literatura, língua e imprensa**, Cáceres, Mato Grosso, n.10, pp. 131 – 138, jan./jul. 2011.

PARK, Margareth Brandini. **Histórias e leituras de almanaques no Brasil**. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 1999.

STANCIK, Marco Antônio. Medicina e Saúde Pública no Brasil: dos pajés e físicos aos homens de ciência do século XX. In: **Esboços – Revista do Programa de Pós-Graduação em História da UFSC**, Florianópolis, v. 16, n. 21, p. 111-136, mar. 2009. Disponível em: <<http://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/21756.2009v16n21p111/11960>>. Acesso em: 12 ago. 2021.